

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 27 DE AGOSTO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 139

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A. PALHETA.
A Semana.....	FLINDAL.
Historia dos sete dias.....	A. DE LIMA.
Ilha de coral, poesia.....	V. MAGALHÃES.
Ramalho Ortigão II.....	O. B.
Cartas postales—III.....	F. D'ALMEIDA.
O bueto de neve, soneto.....	J. LOPES.
Quadro biblico.....	
Beijas—Artes—Tres exp- sições I.....	
Netirza em festa, poesia.....	H. DE M.
Notas bibliographicas.....	S.
Chronica scientificas.....	DR. ONETT.
Poesia e Poetas.....	A.
Theatros.....	P. TALMA.
Brinde nupcial, soneto.....	L. COLUMBANO.
Festas, hailes e concertos.....	TIO ANTONIO.
Sport.....	L. M. BASTAS.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	ENRICO.
Annunciacoes.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000
PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cahral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia quisiрам entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem au mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Dsmare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, posma de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

A SEMANA

Tendo ficado interrompida a secção *Chronica scientific* pela partida do Dr. Dodsworth, que a redigia, offereceu ae graciosamente a substitui-o um joven e distincto facultativo que hoje começa a nos distinguir com a sua illustrada collaboração, usando do pseudonymo Dr. Onett.

Por nos ter sido entregue demasiado tarde, não publicamos integralmente a secção do *Sport*; falta involuntaria, de que pedimos muitas desculpas á distincta sociedade Derby-Club.

A REDACÇÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Como homem honesto, que me preso de ser, desde já declaro ao leitor sempre benevolos sempre pio que não tractarei de politica nestas columnas immaencladas.

No Brazil quem vive para a politica arruina-se, e quem vive da politica abandalha-se. A nossa politica é uma especie de nicoce social onde sempre se deixa a honra ou a fortuna; viver d'ella equivale, pois, a viver da prostituição publica, e viver para ella equivale a procurar a gente por suas proprias mãos uma segura repusação de parvo.

Achar o meio de escapar simultanea-

mente á triste pecha de idiota e á ignominiosa mancha de *soueneur*, só é d'ajo ao genio, que tem azas para chegar-se á lama sem lhis poisar os pés.

Fujamos, pois, do nauseabundo esterquelinio da politica, e despresemos o que de importante se possa ter passado nessas regiões inficionadas.

Entremos antes numa casa perigosa, visto que sentimos as attrações do abysmo e que o perigo é o nosso elemento. Entremos na Policia.

Diz a *Gazeta* de quarta-feira.

« João Casimiro, ex-praça de linha, estava altercando com outro individuo, quando appareceu nma praça de policia, que sem mais nem menoa deu-lhe voz de prisão; ás razões allegadas pelo preso respondeu a praça com uma violenta pranchada, ferindo-o gravemente na cabeça.»

« Em seguida foi o infeliz, banhado em sangue, conduzido para a 3ª estação pela indigitada praça, que dá pelo appellido de Mineiro, e por outra que appareceu no acto da prisão.»

« Muitas pessoas indignadas acompanharam o presa até á 3ª estação policial, com o proposito de dar queixa contra a desalmada praça; porém vedou-lhes a entrada o respectivo commandante.»

« João Casimiro foi remetido para o hospital da Misericordia.»

A *Gazeta* começa esta noticia por um commentario ingenuo, e chama ao facto *scena de selvageria*.

Pôde ser que en seja ainda mais ingenuo do que a *Gazeta* e do que as pessoas indignadas que foram á 3ª estação, mas estou convncido de que d'esta feita não ha absolutamente motivo para censura nem para queixas. A policia, longe ds se mostrar deshumana para João Casimiro, parece-me ter sido de uma grande piedads christan, muito para louvar a uma instituição que asalaria a contracta os mais afamados e acreditados capoeiras para o serviço publico da manuteação da ordem.

Sim, meus ricos senhores indignados, é preciso ser cego de todo para não enxergar os sentimentos humanisimos que a policia d'esta vez revelou ao carioca pasmada.

A policia tinha nas suas mãos e no seu xadrez n pobre Casimira; o desgraçado estava debaixo da severa e implacavel justiça do Sr. Coelho Bastos. A policia podia, dpsais de a haver ferida, subir com elle a montanha gloriosa da arte e reproduzir o romance de *Castro Malta*; podia, enfim, ter assassinado o hams e ficar no gozo da mais apreciavel impunidade. Mas não, senhores ingenuos indignados, a policia fez na cabeça do individuo um ferimento grave—mas remetteu a referida cabeça,

com corpo s tudo, ainda eam alguma vida, para a hospital da Misericordia.

João Casimiro gosará, pois, graças á policia, da mais doces e mais tocante assistencia publica.

Louvavsl, muito louvavel.

Pelo que, d'estas columnas, ondo a Justiça sempre tsve um culm, eu endereço ao Sr. chefe gostosamente, com toda a effusão de uma alma sensivel enternscida até o pranto, as agradecimentos da critica.

O correspondente d'O Paiz, *attaché* a S. M. o imperador, noticia que o principe D. Pedro offeresca noa Campos Ellysios um almoço ao grande poeta portuguez Guerra Junquiro; e o da *Gazeta*, diz que foram Guerra Junquiro s o nosso estimado Eduardo Prada que offereceram um hanquete ao principe.

A critica, para saber o que hade pensar do principe D. Pedro e dos dois distinctos cavalheiros, deseja conhecer a verdade historica do facto.

Emquanto, porém, a solicitude dea noticiaristas não nos deslinda esta grave negocio, vsjamos se por uma simples indução podemos chegar ao conhecimento da verdade almejada.

A mais simples cortesia, o mais banal sentimento de delicadeza, obrigamos sempre a usar de todo o respeito, de todo o carinho e mesmo de toda a gratidão para com as pessoas que nos provam a sua amizade e a sua estima por meio da forma mais eloquente e mais persuasiva—offerendo-nos hanquetes.

Ora o principe D. Pedro, ahnsando da sua posição social,—ahuaço he só lho pode ser desculpado pela inexperiencia dos seus poucos annos—praticou uasse almoço uma acção tão feia e tão reprovavel; eua alteza exhorhitou tão exaggeradamente dos seus direitos de infante e de *touriste*, que não cabe dentroos limites da comprehensão humana que tal hauesse feito na occasião em que ingsria o *poisson au gratin* e o *champagne* pago pelas victimas:—Sua alteza...—não hesitemos— Sua alteza recitou poesias da sua lavra!

O leitor, que conhece as minhas idéas ferozmente republicanas, não ms faça a injustica de julgar-me calumniador: O facto é historico. La está, na 8ª columna da 1ª pagina d'O Paiz de 23.

Depois de conhecido este facto monetruso e sem precedentes na historia dos almoços celebres, creio que não pôda haver a minima duvida sobre quem pagou o almoço.

Está claro que foi o principe D. Pedro. Só quem paga hanquetes é que pôde ter o atrevimento de atirar versos para dentro das orelhas inerms dos seus convivas.

Envio d'aqui as minhas condolencias sinceras ao grande poeta da *Velhice do*

Padre Eterno o ao nosso sympathico confrade Eduardo Prado.

Li hontem com pismo, no *Diario Illustrado*, uma local, que mais me pareceu um producto morbido da phantasia do jornalista, do que a narraçao secca e simples de um facto real, que haja positiva e inegavelmente acontecido:

« O Sr. barão de Cotegipe, presidente do conselho, por telegrammas de hontem, preveniu aos presidentes de provincia que prohibissem toda a qualquer reunião que tivesse por fim verberar os actos do gabinete. »

Acredito piamente na sinceridade do jornalista que a deu, mas não posso acreditar na veracidade da noticia.

Pois é lá possível, minha santissima Credulidade! que o governo se atreva assim a violar a Constituição, amordacando violentamente o direito da livre critica dos seus actos?!

Não, não é possível. O noticiario, evidentemente, enganou-se. Na situaçao em que presentemente se acha o governo perante o paiz, o que o Sr. Cotegipe fez, sem duvida nenhuma, foi expedir telegrammas aos presidentes das provincias ordenando-lhes que prohibissem toda e qualquer reunião que tenha por fim louvar os actos do gabinete.

A menos que o gabinete Cotegipe não queira ser um gabinete reservado, onde os bilontrss vão ás tres da madrugada ceiar camarões cosidos com a grande cocote esbagachada que se chama Politica Nacional.

Eu, cá por mim, não acredito.

S. A. a augusta Princeza Imperial, seu augusto Consorte e seus augustos filhos foram visitar as exposições de pintura de Firmino Monteiro e Belmiro de Almeida. Suas altezas gostaram muito de varios quadros, pelo que me disseram.

Seja-me licito agora dizer que en tambem gostei muito de alguns. Sómente, as clirouicas da *Semana* não me dão para comprar quadros, ao passo que a lista civil permite que suas altezas satisfaçam o seu bom gosto e auxiliem os artistas de talento, que não encontram no Brazil mercado para quadros de preço.

S. A. pôde muito bem manifestar de um modo prstico o seu amor ás artes, infuindo para que a Academia de Bellas-Artes faça inteira e recta justiça a Belmiro de Almeida no julgamento do concurso de viagem a que se está procedendo e ao qual concorre o já notavel pintor do *Arrufos*, e da bellissima e deliciosa cabeça a *crayon* que teve a honra de figurar no *salon* de Paris.

Para que Belmiro de Almeida possa em poucos annos honrar o Brazil com as obras do seu talento excepcional e audaz, basta que S. A. lhe abra o sorriso da sua graça e que lhe compre alguns dos seus bellos quadros.

Nestas occasiões é que me não ganas de ser príncipe, para poder mostrar ao povo que as pessoas reaes tambem podem ter gosto, louvar o merito e impulsionar as artes, protegendo os artistas.

Como, porém, não tenho a ventura de ser príncipe, e a *Semana* se obstina em me não dar fortuna, atrevo-me ousadamente a lembrar á graciosa regente um pequenino esforço em favor da Arte que S. A. tanto preza e estima, como é sabido.

FILINDAL.

A ILHA DE CORAL

(A OCTAVIO OTTONI)

Rolam no mar do Tempo annos, seculos, eras;
Extinguem-se os volcões, rompem novas crateras,
Que extinguem-se a seu turno; elevam-se cidades
Das ruinas, o altar das velhas divindades
E' derrocado, e surge um novo culto; em summa,
A vida universal vae num batel de espuma
Os seres levantando e os seres submergindo.

Mas no fundo do mar, num sonho eterno e infundo,
O paciente polypo, o artifice fecundo,
Erige leutamente a construcção de um mundo.
E' lá na solidão da submarina rocha,
Entre o salso juncal, que o germen desabrocha
Da vida elemental sob a imperfeita fórnica;
E eis que aos poucos se estende e aos poucos se transforma.
A principio é um arbusto, após arvore grande,
Mais tarde uma floresta immeusa que se expande,
Germia e reproduz outras tantas, e d'estas
Irrompem triumphaes camadas de florestas.
E dos turvos pégões rasgando a humida clamysde,
Vem subindo a vermelha e altissima pyramide.

Mais um seculo, e então converte-se em montanha,
Mais uma noite, e o sol o pincaro lhe banha;
E pela vez primeira osteuta a rica flora,
E recebe o baptismo esplendido da aurora!

AUGUSTO DE LIMA.

RAMALHO ORTIGÃO

II

A curiosidade instante, enorme, quasi impertinente, que em geral se manifestou aqui, de ver, de conhecer, de contemplar, de perto, á vontade, minuciosamente, o auctor de *John Bull*, tem uma explicação altamente honrosa, tanto para aquelle como para os seus admiradores.

Está visto que não me refiro aos curiosos por habito, por vicio patrio, porque entre nos apresenta-se este anomalo e singular contraste: este povo de indifferentes, de molles e de frios é, no emtanto, desmedidamente curioso, mas curioso por bisbilhotice, para contar. E não me refiro a essa especie de curiosos porque esses correriam a ver um cahrito de seis pernas, um rei abissynio, umesmo empalhado, ou um pelotiqueiro farcista, com a mesma irrequieta e bullhenta curiosidade com que se atropelláram para conhecer Ramalho Ortigão.

Refiro-me á classe de curiosos composta pelos seus leitores, pelos que lhe conhecem as obras, pelos que lhe acompanham as correspondencias na *Gazeta de Noticias*.

Os que não tinham podido vel-o pediam aos outros detalhadas e exactas informações sobre a sua figura, o seu aspecto, o seu ar; se era gordo, se era elegante, se era lesto, se parecia mais moço ou mais velho do que a sua verdadeira idade; como trajava; com gosto? com originalidade? com bizarrria? como tractava os que o tractavam: amavelmente? alegremente? cordialmente?

Nada, emfim, do que diz respeito ao grande escriptor lhes era indifferente.

Tal curiosidade—tão honrosa, repito, para estes como para aquelle— explica-se não só pelo desejo commum, que sempre se tem, de conhecer pessoalmente os homens celebres que admiramos e cuobecemos nominalmente apenas, como pela razão especial de que Ramalho Ortigão é um critico que tem levado a sua analyse e o seu ensinamento a todas as espheras do pensamento, a todas as manifestações da sociedade, a isso que Spencer chama — a «vida completa.»

Ramalho Ortigão, com a indiscutivel autoridade do seu talento, do seu bom senso e do seu estudo, com a sua irrecusavel competencia critica, tem ensinado a maneira porque deve um homem cultivar o seu espirito, o seu coração e o seu corpo, a maneira porque deve instruir-se, recrear-se, conversar, viajar, educar os filhos, plantar o jardim, adubar a horta, arranjar a casa, fazer as compras, receber as visitas, tractar os seus superiores e os seus subalternos, vestir-se, asseiar-se, pentear-se, calçar as luvas e atar a gravata, escolher o quadro, a estatua, o *biblot* e as fructas, o collegio para os filhos e os creados para o serviço; o melhor modo de mobilar o cerebro e o gabinete, de contrahir o habito das rosas, na lapella, e de evitar o *habito* da Rosa, tambem na capella; de ter saúde, de ter alegria e de não ter credores; de digerir um livro substancioso e um almoço que o não seja menos; de ter *toilette*, de ter graça, de ter força, de ter honra e de ter bondade.

Todos leram os livros e os artigos em que tão vasto curso de educação popular tem sido feito, com uma originalidade de iniciativa, uma coragem de sinceridade, uma justesa de analyse, uma profunda de critica e uma punja de estylo verdadeiramente admi-

raivos e excepcionaes; todos acompanharam com vivo interesse e vivo prazor esse curso de pedagogia scientifica, modernissima, o se nem todos aproveitaram tudo, muitos, pelo menos aproveitaram muito.

Ora, era natural que se desejasse ver, conhecer pessoalmente esse homem superior, extraordinario, singularmente forte, que conhece a vida em todos os seus aspectos e em todos os seus abysmos, em todos os seus perigos e em todas as suas forças, e sabe onsluar a evitar, a inutilisar aquelles e a aproveitar estas; o educador capaz de preparar homens para a vida completa, o escriptor que pôde responder cabalmente a esta pergunta sibillina, que tanto tem dado que falar nos manebos facundos dos gremios litterarios e a romancistas o a dramaturgos febris, avidos de abalar os nervos do *Zé benevolo*: — Onde está a felicidade?

Queria-se verificar se o *homem* estava em harmonia com a obra; se o grande mestre, ao contrario de certos medicos, applicava á sua propria pessoa o regimen hygienico e o tractamento social, — litterario, artistico, scieintifico, que prescreve ás dos seus leitores.

Curiosidade allás ociosa, duvida infundada, porque toda obra forte, desassomburada, original, é necessariamente sincera; e sendo sincera, é um producto directo do temperamento, da educação, do estado psycho-physiologico do auctor; é, portanto, harmonica, homogenea aos actos, aos gostos, ás idéias, ás opiniões individuais, á vida privada do auctor.

Em relação a Ramalho verifica-se admiravelmente esta asserto.

Além de que, fóra-lhe impossivel, por absolutamente sobre-humano, manter artificial e artificiosamente um estado, apenas apprente, de harmonia e coesão com a sua obra monumental. A tanto não vae o poder, allás immenso, da *pose*; nem pode haver actor extrapalco que consiga representar a vida inteira um pspel de sabio ou de berbé, sendo, simplesmente, um honesto escriptorario de secretaria ou um estimavel sargento da Guarda Nacional.

Ramalho Ortigão diz no seu precioso *John Bull* que a Inglaterra, até á exposição universal celebrada em Londres em 1851, era geralmente considerada na Europa como o paiz absolutamente anti-artístico, como o paiz inesthetico por excellencia, e que o soberano *fiasco* que ella então fez com a exhibição dos productos de suas industrias de caracter artistico ante os seus similares de procedencia franceza, italiana, suissa e belga, *fiasco* reconhecido e confessado pela voz auctorizada de todos os seus criticos, por tal forma impressionou e commoveu a opinião publica que, dentro em poucos annos, a Inglaterra esmagava os mais adeantados paizes europeus com a sua concorrencia como productora artistico, como factor esthetico, reunindo no museu de South Kensington, como num formidavel arsenal, tudo o que era preciso para fazer d'elle « a mais importante escola d'arte do mundo ».

A Inglaterra, portanto, não nasceu o paiz estupendo nas industrias artisticas, na educação e na instrncção publica, que hoje é: *fez-se* tal e *fez-se*, porque era preciso, e porque aos elementos necessarios para que o fosse apenas havia faltado, até ao momento de reconhecer que o não era,—a vontade firme e resolvida de o ser.

Pois bem; Ramalho Ortigão, o actual

Ramalho Ortigão, o d'As Farpas para cá, fez-se também, como a Inglaterra artística e esthetica; eahio do Ramalho dos Contos *dir de rosa e Em Paris* pelo poderoso impulso de um querer, resolutu e imperterrito, encalhado, por assim dizer, em uma intuição de aço, nitida e rija, do homem moderno e da sociedade contemporânea.

Eça de Quairoz já escreveu, não sei onde, que em vez de se dizer: «Ramalho Ortigão, auctor d'As Farpas», dir-se-ia mais correctamente: «As Farpas, auctora do Ramalho Ortigão.»

E' uma profunda sentença, evoluendo uma grande verdade.

A fundação d'As Farpas, ou melhor: a importancia que tomou esse pamphleto mensal na opinião publica e a responsabilidade critica, que, consequentemente, assumiram os seus auctores, foram para Ramalho Ortigão o que foi a exposição universal de 1851 para a Inglaterra. Eça, segundo elle proprio confessou, teve medo o fugio discretamente para Havana.

Ramalho mediu a gravidade da situação, apalhou os biceps, descarregou tres ou quatro muros num dynamometro, tomou o pulso á sua vontade; reconheceu, depois d'esse exame escrupuloso e longo, que tinha, no corpo como no espirito, a saude indispensavel aos athletas, o disse, por fim, á sua penna, pousada á beirn do tinteiro, prompta sempre o morgulhar, na pesca das perolas:

« Minha amiga, mettemo-nos om boas. Fiz-to escrever as primoiros Farpas como uma pilheria, por simples traça honesta e, afinal, um bocado util. Mas As Farpas vão-me sahindo... ou sei lá o quo! vão me sahindo o diabo! Ou eu dou cabo d'ellas ou ellas dão cabo de mim. Ora nenhuma destas hypotheses me agrada.

« Mas para evita-las é preciso, uem mais nem menos, minha amiga, que me complete por dentro e por fóra, de alto e baixo, que eu saiba destruir toda esta caranguejola romantica, metaphisica e roccó, o que sniba construir, depois, uma cousa para substituir á caranguejola. Para coasigui-lo, preciso de conbecer, como os mous bolsos, todos os grandes philosophos, todos os grandes criticos, todos os grandes pedagogos, todos os grandes poetas, todos os grandes romancistas; enfim — com tresentos diabos! — todos os grandes escriptores, antigos e contemporaneos, nfm de que eu possa sempre estar ao lado d'elles, — pelo menos. E' difficil, é... Mas verifiquei que tenho pernas de gamo, estomago d'avestruz, uma boa myopia para ver perfeitamente de perto e menos mal ao longe com o auxilio das lunetas, uma memoriasiuha fiel como um cão e pontual como um credor, e uma certa facilidade para entender as cousas intelligiveis. Além disso — quero. Olha, minha amiga, espera-me abi um instantinho. Vou ali dentro completar-me e já volto.»

E quando voltou, tinha a Inglaterra o seu museu de Kensington... quero dizer: tinha a lingua portugueza o Ramalho Ortigão das Farpas, das Cartas Portuguezas, d'A Hollanda e do John Bull.

VALENTIM MACALHÃES.

(Conclue no proximo numero.)

A politica... S. Nabor, affastae de mim este calice!

F. SARGEY.

CARTAS PAULISTAS

III

S. Paulo, 21 Agosto.

Emanuel partio. S. Paulo, por tantas noites ferido e sacudido em todos os seus nervos pela voz poderosissima de Emanuel, quasi que já o esquecer — a ingrata cidade! Amanhã será completo o esquecimento, quando a tropa despanhola, ao som alegre da musica de Gastambide invadir as empoeiradas ruas da Panticéa. E. S. Paulo exultará, e todos os pianos — que os há por aqui em numero paeroso, Santo Deus! — entrarão a estropiar as *seguidilhas* com uma crueldade impassivel.

Por ora, á espera das *Zarzuellas*, S. Paulo, admira as caricaturas com que o Bento Barbosa, aqui chegado ha uma semana, vae cobrindo todas as mezas de todos os cafés, — rejuvenesce, com a retirada do hynverno. Veio o Bento e foise a garça.

Deus a tenha por lá muito tempo, deixando-nos estas noites limpidas e freccas, de um firmamento purissimo, palpitante de estrellas.

O hynverno fugio, desertou os ares, de repente, sem transição, inesperadamente. Que grande alegria e que deliciosa surpresa para mim, misero exilado da enxada ardente e dos ares enlidos da minha formosa, da minha querida Rua do Ouvidor!

Farto-me de luz e de calor, ahengando a fuga das neblinas e repellindo a pontapés os cobertores, rasgando as luvae de lá. Que delicia, por um dia d'estes, n'um carro desengonçado, ao trote largo de dois burros magros, fugir da rua de S. Bento para cair nos braços da Natureza, longe dos imbecis e dos fatuos, tendo apenas ao lado um amigo, um charuto e um livro de Leconte!

O carro vóa, numa nuvem de poeira, pela estrada barrenta scintillante de sol. Rareiam as casas, augmenta a vegetação. Carros pesados, ao preguiçoso andar dos bois, rangem, enchendo o arredor de uma harmonia selvagem. Então, meio adormecidas no carro, com a certeza de que o Tietê não tarda a apparecer, rumoroso e largo, n'um sitio apartado e silencioso, conversamos e sonhamos.

E ha um prazer singular, uma sorte de desafio á Natureza em lembrar, no meio d'ella, entre as arvores immensas, o centro civilisado abafado, a rua do Ouvidor animadissima que nos tortura e delicia. Cerramos os olhos, e homens e cousas, num tropel phantastico, passam e repassam. Um amigo que uos não escreve, uma casa querida, uns olhos negros e mysteriosos sob uma cabeleira esplendida, a familia que deixamos, uma phrase, uma anedocta — toda a antiga vida que lá embaixo ficou e de lá de baixo nos cbama, abismo encantado de irresistiveis seduccões.

Mas, o rio apparece. A' margem, os bambuões altissimos, como corridos por um calefrio, rigam-se e rumorejam. Agua serena e clara, deixando ver ao fundo o tapete verde negro das algas. Uma canoa preza a um tronco. E por tudo, de um lado e de outro no céu e nas aguas, uma tranquillidade indizivel, um recolhimento religioso.

Adeus, saudades e calças, resentimentos e fraks! Puff!... a agua abre o seio frissimo, e lá vamos torrente abaixo, entre as cbnhaças dos passaros.

E, á volta, quando a noite cae, pode a gente com o espirito soegado, jantar

e rir, sem preoccupações, diante de Bento Barbosa, que fuma um cachimbo enorme, e prende o olho esquerdo o mais escandaloso monoculo que tem assempado os povos de S. Paulo.

Saiba, pois, o Rio de Janeiro que o hynverno fugio e que nada houve mais importante e digno de menção do que isso em toda esta semana.

O. B.

BUSTO DE NEVE

(CAMPEADOR)

*De amor te fazo um penitente um dia
Com gelo um busto de mulher formosa.
E o corpo ao busto com furor junctara
Calmando o fogo que em teu peito ardia.*

*E quanto mais ao busto o corpo unes
Mais se a nere com fogo misturava,
E o coração do sancio se gelava,
E o busto de mulher se derretia.*

*Em tuas luctas, Amor, das quaes renego,
Sempre ao hynverno se uno o estio logo,
E se um ama seu fê, quer outro ego.*

*Assim es tu, meu coração bravo!
Ve ella em teu gelo com teu fogo,
Por matar de calor, morres de frio.*

FILINTO D'ALMEIDA.

QUADRO BIBLICO

E Abrahão disse ao servo:

— Eliezer, vae ao meu paiz e escolhe abi noiva para Isaac. Não quero para nora uma filha de Canaã. Vae, e traze comigo aquellá que deve compartilhar da tenda de meu filho e do seu pão.

O servo obedeceu.

Emquanto o velho orava no campo de Machpelah, onde Sara dormia o ultimo somno tranquillo e doce, Eliezer seguia com os seus dez camelos sobre as areias da estrada de Nabor.

O sol da Arabia puuha fogo no cbão, no ar, em tudo. As palmeiras, silenciosas, pareciam pintadas no fundo azul do céu, tal era a immobibilidade das suas copas estreladas, verde-negras.

Os camelos seguiam-u'o docilmente, com os pescoços muito arqueados, e os olhos imperturbavelmente fixos no espaço adiante.

O caução, o calor, a séde, prostrava a committiva. A estrada, branca, arida, batida de luz, não tinha fim.

E o servo de Abrahão, levantando os grandes olhos uegros para a cupula profundamente azul do firmamento, orou.

O arabe tinha fe. a mesma fé ardente que lhe inspirara o patriarcha.

As linbas curregulas do seu rosto trigoireiro, saavisaram-se no enlevo da oração; a barba preta, pontuda, salientou-se das dobras do albernoz, que lhe envolvia o corpo, quando, deitando a cabeça para tras, deixou passar pelos labios grossos, secros, ávidos de fresquidão, a preço da sua alma triste.

Senhor! Que a primeira mulher caritativa, que nos mate a séde, seja a esposa de Isaac! Que ella leve a familia

de Abrahão o mesmo consola-br-reparu, que ao meu corpo enfebrecei lo trouxe a agua que me offerecer.

Seja a filha de Nabor tão pura como a sombra das palmeiras, que nos dão o oleo sancto, immaculada como os lirios do Jordão!

Senhor!...

Chegara finalmente a sejalá Mesopotunia.

Eliezer fez ajoelhar os camelos ao pe de um poço silencioso, e esperou.

Visando descalça a terra amarellecida pelo ardor do sol, vinha uma mulher do logar, nova e bella, tirando agua do poço. Trazia o cantaro no hombro, á moda oriental, os braços nus, arqueados, sobre o cabello escuro e turbante de largas pontas cahindo pelas costas, na cinta uma faixa arrepanhando a tunica, mais acima um corlão tambem unido ao corpo; no pescoço o colar de sandalo porfumado, nas orelhinhas mimosas, delicadas como duas conchilhas das praias do Mar Vermelho, uns argolões de amhar.

A gentil rapariga aproximava-se pensativa, destacando-se no fundo violáceo do horizonte, serena, elegantemente.

Chegada á fonte descansou na borda e cantaro e, embrenhada ainda na floresta do seus peneamentos, floresta de jasmineiros em flor, olhava sem attenção para as folhinhas de avenca nscida nas paredes interiores o humidas do poço.

Pensava talvez no amor, nos suspiros que lhe levantavam o peito, e lhe perturbavam o somno; no amor que se lhe annunciava em sonhos, abalando-a toda, e que não comprehendia. Pouco tempo assim esteve; depois, curvando-se resoluta para a agua, puxou com as mãos nervosas a corda para cima, e o balde subiu. Encbeu o cantaro e voltava-se para seguir o caminho de casa, quando o sequioso Eliezer, parando em frente, pediu que lhe matasse a séde. Ella desceu do hombro o vaso e, pousando-o sobre o braço esquerdo, impelliu-o com a outra mão até á bocca do arabe.

Elle bebeu, bebeu soffregamente.

— Os teus camelos têm séde... disse ella, e levou tambem agua aos ammaes...

Nos camelos, ajaezados com metal fino e cores vistosas, partia a noiva do Isaac e a sua committiva; as donzellas do logar davam-lhe flores, e os parentes bençãos. Rebecca acenava riudo ás amigas, fazendo reluzir ao sol o ouro dos seus braceletes e collarca, offertas de Abrahão.

Quando chegava á terra de Isaac, punha-se o grande nstro tingido de rubros quentes o poente.

No vasto campo semeado de boninas o filho de Sara passeava. Vendo-o, Eliezer apontou-o a Rebecca, e elle, corando, puxou para o rosto o candilho e longo véo.

Isaac aproximou-se, e ajuha a descer do camelo a gentil creatura, que pela primeira vez via. Eliezer contou-lhe então o encontro que tivera com aquella, que estava destinada a ser esposa de seu senhor.

Recebeu-a ternamente Isaac, e, dando-lhe a mão, conduzio-a para a tenda em que vivera Sara.

Seguindo com o olhar aquelle par graciozo, dizia mentalmente Eliezer: — Seja a esposa tão pura como a somba da palmeira que nos dá o oleo sancto.

Qus jámais os seus labios desfolhem asão palavras de doçura e amor, levando á alma do marido a vida nova, saudavel e clara, como o consolo que ao snfrecido ascravo deu a fresca, a crystallina agua que lhe matou a sede!

Liboa, 1887.

JULIA LOPES.

BELLAS ARTES

TRES EXPOSIÇÕES

I

EXPOSIÇÃO FIRMINO MONTEIRO

(Conclusão)

Firmino Monteiro, felizmente, não pertence a esse numero de optimistas que bem se póde denominar — estacionario. E' com visiveis intentos de progresso que elle trabalha, levando esse interesse mais para a quantidade do que para a qualidade, ao contrario de outros. Cuidando, como cuida, do numero de obras, elaborando pois em uma falta que, ao meu ver, constitue um paralogismo, deixa de parte as exigencias artisticas em trabalhos em que, ao lado da concepção, deve figurar o deenho. Não é preciso um olhar experiente ou uma boa educação esthetica para se notar que nas obras de Monteiro o maior defeito parte do desenho. Basta um pouco de observação. Ha cinco annos Monteiro era um paizagista que começava; tinha vocação artistica, tinha vontade de progredir e, sobre estes dotes, possuia a boa qualidade de ser afeito, qualidade que, faltando a alguns, os tem arrastado para o obscurantismo. As suas tentativas foram sempre coroadas por felizes resultados, notando-se entre todas a grande tela — *Fundação da Cidade de S. Sebastião* — uma das melhores promessas que se têm visto. Nesse tempo, creio, o intuito mais serio do artista era o de alcançar na paizagem a motoriedade dos grandes mestres, cujos estudos não foram realizados em quatro ou seis annos, mas sim em uma serie de estudos muito pensados e em lenta successão de annos. Nesse tempo, a consciencia por mim lhe dirá se com segurança era capaz de pintar uma figura, nasse tempo o seu talento teve as mais bellas manifestações, já pela maneira moderna de executar as impressões, já pelo modo de sentir a natureza e exprimir esse sentimento. Na exposição de 84, dois annos depois da sua primeira exposição, mostrou-se decidido a abordar os assumptos historicos, e o fez com intelligencia, porém accusando indelevelmente o pouco, o muito pouco, exercicio do deenho. Em 85 retirou-se para a Europa, e ahi, em dois annos, emprehendeu cinco telas historicas, perfeitamente diferentes, snre si, pela diversidade de épocas, de costumes, de typos e de raças. Em dois annos o artista poderia pintar um bom quadro, mas fazer cinco telas historicas e de tão grande trabalho, não

me parece caso possivel, senão fazendo-as assim como nol-as apresentou. Melhor seria que esse pequeno espaço de tempo fosse aproveitado em consciencioso estudo do deenho, arte em que muito se custa a alcançar alguma cousa, como provam u dedicação constante n ella dispensada pelos excellentes desenhadores da Renascença, na Italia, e o extremo apreço em que a têm as notabilidades contemporaneas, avultando entre todas M. Ingres, o grande desenhador da linha, o qual, sendo encontrado a copiar um deenho de mestre, disse convictamente: *c'est pour apprendre*. Melhor seria que se applicasse ao deenho, prodigalizando ao seu fecundo talento este saber que não faz esperar os melhores resultados. Na sua obra, ora exposta, encontra-se quasi os mesmos defeitos que eram notados nos quadros expostos ha dois annos passados. A carnação, em geral, é pouco observada e feita com diminutissimo escrupulo. Igual á dos frades na *Abjuração de Galileu* é a carnação do soldado lasquet (porta-bandeira) que por sua vez é semelhante á do Galileu, á das figuras de *Vercingetorix* e da *Lealdade de Martim de Freitas*.

As extremidades são, em grande numero de suas figuras, desenhadas com descuido incomprehensivel. A mão direita de Martim de Freitas, as mãos do juiz que, no quadro *Abjuração de Galileu*, está debruçado á mesa, a do frade que apresenta ao retractor o officio e as mãos da figura principal, as mãos e os pulsos do *Vercingetorix*, os pés do soldado do primeiro plano á direita no mesmo quadro, e a mão esquerda de Anchieta, longe estão de satisfazerem as exigencias mais rudimentares do deenho. Na primeira figura acima referida, ha uma confusão brusca dos dedos com a chave que ella apresenta ao cadaver de Sancho II, de sorte que, á distancia de dois metros, mal se percebe o movimento que o artista pretendeu dar-lhe. Na segunda, na terceira e quarta figuras notadas não ha relevo e não ha anatomia; na quinta figura, a do *Vercingetorix*, não se pode comprehender como um homem musculoso, que traz os pulsos rudemente amarrados e as mãos tão fechadas, não apresente nas faces dorsaes a entumescencia das veias pela compressão dos pulsos; na sexta figura citada é visivel que os dedos menores da mão apresentam a forma de arco, quando é inquestionavelmente impossivel, em mão deacarnada, tomarem as phalanges tal posição; salvo em aleijões. E' ainda devido ao ligeiro conhecimento do deenho e portanto de anatomia, cuja importancia no deenho de figuras é bastante conhecida, que a perna esquerda de Galileu não tem articulação. Um homem magro (é o typo apresentado pelo artista) vestindo calça de seda, desde que curve a perna, accuará, atravez da fazenda que lh'a cobre, a articulação do joelho; defeito que passaria sem especialização se se tratasse de figura menos importante. São ainda provenientes d'aquella causa as faltas no quadro *Joanna Angelica*, notoriamente a cometida no braço sem acção do soldado que ergue ao ar uma machadinha, onde não ha proporção do braço para o ante-braço; e entre a turba armada, que vem ao fundo, ha um braço ameaçando um socco que, pertencendo a uma figura, parece ser movido por outra; ha um outro braço, o do gigante soldado que vem a cantar ou a blasphemar, cujo movimento está fóra da articulação da

clavicula, assim como é toda desarticulada a perna direita da ubdadesa, além de não pequeno numero de figuras dos planos secundarios que parecem ter superior dimensão á dos primeiros planos.

Em algumas occasiões os defeitos de articulação dão-se pela carencia de exprimir bem o movimento. Mestres ba, e mestres houve, entre elles o mais celebre—Delacroix, que para movimentar suas figuras desprezam a precisão anatomica. Isto não é desconhecido por F. Monteiro e tanto é verdade que usou d'esse recurso, com feliz resultado, na mão do soldado que, agachado no primeiro plano á esquerda, do quadro em questão, enche a cartucheira com o dinheiro de uma caixa de esmolos, empregando-o ainda em algumas pernas de soldados em marcha. Entre o primeiro e o segundo caso vae uma differença immensa, inconfundivel.

Deante da sua obra actual, que prova não vulgar fecundidade e muita comprehensão do sentimento esthetico da nossa época, sente-se que está para vir um grande pintor, sendo que já podia merecer a consagração de « realidade » se não tivesse desnoiteado.

Não falo de *parti-pris*. Faço francos commentarios tendo em vista provas de valor; e este procedimento creio que obterá, senão agora, pelo menos mais tarde, agradecimentos do artista. A prova que tenho para levantar esta asserção é o seu quadro *Vidigal*, exposto em 84 e ora figurando entre os recentes trabalhos. Na composição do *Vidigal* não existe a menor preocupação de impressionar, de morder o coração do espectador. E' um assumpto bem sentido e posto na tela com a maxima sinceridade. A cor do assumpto, ou melhor o caracter essencial do facto, que constitue o objecto, teve uma vibração longa no intimo do artista, que conhecia, pouco mais ou menos, aquelles typos e o logar onde a scena se desenvolveu. Concorreu ainda para completar o trabalho a importante parte accessoria, que era a paizagem, genero estudado pelo artista, e genero para o qual sempre mostrou pendor.

D'ahi partiu aquella harmonia do todo que se nota nesse quadro, já pela tocante realidade da paizagem, já pela naturalidade das figuras, que, se não são de um deenho preciso e castigado, muito satisfazem pela proporção e pelo movimento. Esse quadrinho, ao lado das telas expostas, leva uma vantagem — a de ter personalidade e, portanto, o de impressionar mais directamente, mais firmemente. Não se me levará á mal, na presente occasião, trazer uma novidade a estas linhas, novidade que, satisfazendo as minhas pretensões, balofoas com certeza, corrobora a opinião que acabo de mencionar. Quando o mestre de nós todos, escriptores e escrivinhadores actuaes, o Sr. Ramalho Ortigão, honrou com a sua visita a exposição Firmino Monteiro, eu tive a felicidade de me achar ao lado do artista. Escusado é dizer qual o interesse com qua acompanhei a visita do illustre litterato portuguez. E, certo estou do que affirmo, o quadro que mais lhe mereceu attenção, foi precisamente o *Vidigal*. Eis confirmada por um homem de espirito superior, habituado a ver obras d'arte e a julgal-as com acerto e justiça, a verdade que externo. Ha ahi um ponto que poderia parecer confuso, obscuro, intrincado, caso eu não depositasse inteira confiança no claro juizo do leitor. Este ponto é o que se

me poderia apresentar em refutação ás linhas acima escriptas. Poder-se-ia dizer ser causa principal, ser causa notriz da immediata impressionabilidade offerida pelo *Vidigal*, a qualidade de ser esse assumpto facil e leve. Mas se isto pudesse ser tomado em conta de contradicção, se isto tivesse bastante peso para enfrentar com a prova ha pouco demonstrada, teriamos forçosa necessidade de manifestar-nos discordantes do juizo de um homem que, que para nós todos, é mais do que apreciado — é um mestre. E, depois, para asseverar a superioridade d'esse quadro sobre aquelles que obega esta enorme vantagem? Pois a obra d'arte que de improviso choça o espectador, não é a que merece maior attenção, não é a que alcança o seu fim, o seu intento? Nenhum motivo ha para semelbantes desconfianças. Ahi tem Firmino Monteiro um facto de summa importancia ao qual deve ligar os seus cuidados.

A sua vocação artistica é manifestamente propensa á paizagem. Para se comprehender essa propensão não se precisa maie que essas duas paizagens francezas a de Obantelly e a de Champigny. Ambas são excellentes. Veja-se ainda essa larga praia areenta onde Anchieta entrega á brutalidade da vaga os versos que o coração lhe inspira. Ella não vale por todas essas figuras frias, por esse *Vercingetorix* de quarenta annos, por esse Galileu de pernas aleijadas? Ella não nos commove mais, não agrada mais á nossa vista, não desperta mais interesse ao nosso espirito, do que essa *Lealdade de Martim de Freitas*, com a sua ala de personagens, os seus pannos amarellos e encarnados, pretos e roxos, com a sua luz uniforme, e o seu aspecto de oleographia?

Applaudo a força de vontade que o caracteriza, applaudo-lhe a coragem. Para tomar a responsabilidade de tarefa tão pesada, tão difficil, são precisas muito animo e muita resolução; mas o que não posso applaudir, porque delnpiraria a independencia da minha razão, são essas faltas commetidas no deenho de figuras, e, mais ainda, essa enorme falta de expressão.

Não sei se estas linhas serão interpretadas no seu verdadeiro valor; não sei. No entanto, tenho a consciencia tranquilla. Se fui justo, também não deixei de ser complacente.

ALFREDO PALHETA.

NATUREZA EM FESTA

*Insectos vagueiam sedentos de orgia;
Tremulam festivos os flóridos prados...
Buscando teu límpido olhar que irradia,
Insectos vagueiam sedentos de orgia,
Repara, meu anjo: que esplêndido dia!
Não vês? Pelos campos, ainda orvalhados,
Insectos vagueiam sedentos de orgia;
Tremulam festivos os flóridos prados!*

*Alegre-se o Mundo com a minha ventura!...
Saudam-te as aves; perfumam-te as flores...
O Sol traz a sua mais bella armadura;
Alegre-se o Mundo com a minha ventura!
Em honra da tua real formosura,
Enfite-se o Olympo de nitidas odres,
E alegre-se o Mundo com a minha ventura!
Saudam-te as aves; perfumam-te as flores.*

H. de M.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. J. A. Roque, digno agente da casa editora de Campos & C. de Lisboa, recebemos um exemplar do *Othello*, traducção de J. A. de Freitas.

Esta edição do *Othello* não é uma edição de luxo, como a do *Hamlet*; é uma edição simples e barata, mas nella, ainda melhor do que na outra, se pode ver com que capricho aquelles editores fazem imprimir as obras da sua casa. É um livro bonito e elegante.

Com bello prefacio do Dr. Campos Salles, publicou-se em S. Paulo uma brochura intitulada *Homenagem Posthuma a F. Quirino dos Santos*.

Contem esta brochura um excellente retrato do Dr. Quirino dos Santos, alguns artigos publicados por occasião de sua morte e varios apontamentos biographicos,

É com prazer que accusamos o recebimento d'este trabalho, pois, admiradores do grande talento e das raras qualidades civicas do Dr. Quirino dos Santos, vemos que o seu nome é ainda hoje lembrado com saudade e respeito.

O illustrado Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga publicou um estudo litterario muito interessante — *Homenagem prestada pela Musica á Litteratura*.

Este titulo indica a natureza do trabalho e os seus intuitos.

Para a sua confecção serviram de fontes ao illustre escriptor as obras completas de varios auctores, uma centena de libretos de operas e o *Diccionario Lyrico* do maestro e critico musical Felix Clemente.

Os assumptos de muitas operas são extrahidos de notaveis composições litterarias, e visando isto, elaborou o Dr. Veiga uma extensa lista em que, a par dos nomes dos poetas e prosadores, estão os dos poemas que forneceram dados aos *libretistas* e em seguida apontados os nomes dos compositores e das operas modeladas por aquellas produções.

É um trabalho este interessantissimo e de merecimento incontestavel.

Sob o titulo *Sonetos e Sonetinhos*, publicou o padre José Joaquim Corrêa de Almeida os seus ultimos versos.

Uma coisa admirará neste livro a quem não conhecer o auctor: é a ausencia completa de tudo o que cheira a sachristia e agua benta. Se os leitores julgam que os *Sonetos e Sonetinhos* não são mais do que uma variante das ladainhas, dos psalmos e dos cantochões, estão redondamente enganados. Não ha nada d'isso nos versos do padre Corrêa.

Derramam-se por elles o bom humor, a satyra levemente ferina, o humorismo, a alegria, a satisfação. Acaba-se de ler esta collecção de sonetos e sente-se a alma palpitante de alegria, a rir gostosamente.

São versos desopilantes e nada mais. Não ha melancholias que resistam aos *Sonetos e Sonetinhos*, que são feitos com bastante arte e rara correcção.

Edizer que estes versos são de um

homem de sessenta e seis annos — e padre!

Aqui vae uma pequena amostra:

«Os dois estragadissimos partidos occupam a seu turno a governança; e nós imos vivendo de esperança de ver os nossos males combatidos.

Os quinhões são de novo repartidos, toda a vez que se dá qualquer mudança; se aquelle outr'ora encheu, este enche a pança, e os clamores do povo são latidos.

Se as velhas leis têm sido violadas, estando nossas crenças abaladas, novas leis não darão melhores normas.

Palavres eu não sei se adubam sópa; mas a falla do throno é que não poupa reformas e reformas e reformas.»

Magnifico, padre Corrêa. Um applauso a Vossa Reverendissima.

O Dr. Alfredo Gomes acaba de publicar, para uso dos alumnos que pretendem fazer exame de portuguez na Instrução Publica, um importante trabalho — *Descripções e Cartas*.

Neste livro encontram-se, como explica o seu proprio titulo, descripções e cartas sobre varios assumptos, que muito aproveitam e facilitam aos examinandos de portuguez, que nelle, podem aprender com immensa facilidade e talento o modo porque hão de tratar dos themas que lhe forem apresentados a exame.

O unico senão que encontramos neste trabalho é elle se prestar a más interpretações, principalmente se os professores consentirem que os seus alumnos em vez de tomarem as suas descripções e cartas como verdadeiros modelos que são, as decorem como papagaios e repitam.

No mais é este trabalho do Dr. Alfredo Gomes um excellente auxiliar para o exame de portuguez.

S.

CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

A cirurgia brasileira acaba de registrar mais uma importante operação, praticada pela primeira vez entre nós — ligadura da arteria axillar direita abaixo da clavicula.

Tratava-se de um vasto aneurysma da arteria subclava, que enchia quasi toda a fossa supra clavicular e se estendia tanto que impossivel tornava a ligadura entre o tumor e o coração.

O Dr. Crissiuma, que está substituindo o Barão de Saboia na regencia da 1.ª cadeira de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, depois de fazer uma brilhante prelecção, em presença de grande numero de estudantes, tornando salientes a difficuldade e gravidade da operação que era obrigada a praticar como unico recurso, operou o doente pelo methodo de Brasdor, ligando a arteria axillar abaixo da clavicula.

A operação, que foi ajudada pelos Drs. Bulhões, Valladares e Netto Machado, foi praticada com toda a pericia em 20 minutos, sem compromettimento

dos nervos e vazos que se encontram em quantidade naquella região.

É pois o Dr. Crissiuma merecedor de applausos pelo modo porque se houve em tão delicada operação, firmando assim mais uma vez os creditos de que gosa como habil operador e distincto anatomista.

Antes de terminar seja-me permitido consignar aqui um voto de louvor ao Dr. Pedro Affonso Franco pelo importantissimo serviço que está prestando com a vacinação animal.

S. S. pretende seguir, no principio da proxima semana, para a Barra do Pirahy adm de praticar a vacinação.

DR. ONETT.

POESIA E POETAS

ONDULAÇÕES SONÓRAS

O Sr. padre M. A. Ferreira Academico deu á luz um volume de poesias sob aquelle bello titulo. O volume é todo illustrado, assás typographicamente, mas illustrado.

Se o Sr. padre Academico não veio de todo obscurecer a memoria de Homero, Virgilio e Camões, não é, contudo, um poeta indigno de leitura. O seu livro é, pelo contrario, interessante sob todos os pontos de vista. As idéias fervem ali em cachões e ha por toda a obra um toque de melancolia e ingenuidade que bem mostram e coração e o cerebro do poeta ecclesiastico.

Em todos os versos a perfeição da fórma emparelha com a sensatez do fundo. S. Rev. tem tanto amor ao seu Pegaso que lhe fez estampar a effigie na ultima pagina! Bem se vê que elle cavalga victoriosamente a alimaria do Parnaso, e que vae atravez da floresta das novas idéias poeticas, mondanço aqui, destruindo ali, enramando-se de loiro symbolico acolá.

Pela doçura e pela suavidade, inferre-se que o poeta é o continuador da obra mystica de Santa Thereza de Jesus; pela impenetravel rijeza dos pensamentos, pela medonha e apocalypticica philosophia dos conceitos, vê-se que elle descende litterariamente de S. Thomaz de Aquino; e pela convicção, pela fé extrema e pela simpleza — é evidente que o poeta segue S. Paulo, o mais ardente apostolo do Christianismo.

Deante a obra collossal, do padre, Academico pasma bestializada a Critica e só a admiração se anima e se contorce. O criterio para julgar a obra, enteprece-se ante maravilhas como as do seguinte soneto:

REGINA SINE LABA CONCEPTA!

Da Gloria e esplendor, vide da Vida,
do Eterno chara filha em adopção,
és Maria, oh casta filha de Adão,
dos mortaes a esperança appetecida!

Estrella és do mar! Forte guarida,
refugio dos que crêm, — consolação
dos afflictos e do — Céu exultação,
amparo nesta amarga e triste vida!

Da nossa Academia és o brazão!
Es o Vello, o Lyrico, és a Rosa enrubecida,
da terra do Cruzeiro a protecção!

Es o Iris da paz! e — de Sansam
és a força contra e serpe fementida,
a Estrella, o Refugio, e o Auxilio do Christão.

E cumpre observar, para maior lus-

tre do poeta, que este soneto, apesar de apparecer no livro, ainda não foi escripto: Hade sel-o no dia 7 de Dezembro do corrente anno, que é para quando está datado.

A isto é que se pode chamar — Poesia do futuro!

Agradecendo o bello livro, damos os nossos parabens ás lettras patrias, porque, apesar de ser o padre Academico catholico, apostolico e romano como seiscentos diabos, a sua obra é mais profana do que sagrada. Em todo caso tambem nos apressamos em recomendar o poeta — ao morro da Conceição.

Sr. bispo, olhe para aquillo!

A.

THEATROS

S. PEDRO

Companhia do theatro D. Maria II

Entre os artistas estrangeiros que nos têm visitado nestes ultimos annos, é João Rosa, inquestionavelmente, um dos mais notaveis.

Actor muito educado e muito correcto, prezando e amando com extremos a sua arte, tem sobre muitos outros as grandes qualidades da circumspecção e da sobriedade.

Um artista que na corda glorificadora do seu trabalho e do seu talento pôde apresentar verdadeiras creações artisticas — como o D. João II, como o Yago, como o Bernard e como o Cardeal de Richelieu — é, sem a menor duvida, um artista de primeira ordem.

E se é certo que a invasão extraordinaria de companhias estrangeiras de todo genero prejudica materialmente o theatro nacional, é tambem certo que artistas como João Rosa concorrem effizadamente para o adeantamento artistico do nosso theatro, ou de tanto faltam os bons modelos e os estímulos para o estudo da verdadeira arte.

O ultimo papel desempenhado pelo notavel actor portuguez foi um primor de correcção e de verdade. A peça *O Cardeal de Richelieu*, é uma peça feita por quem conhece pouco o theatro; é rhetorica e de moldes já muito velhos e gastos. Vê-se, entretanto, que o auctor, loró Lyton, cuidou somente em apresentar o celebre ministro de Luiz XIII, pouco se importando com os outros personagens, satelites que gravitam em torno do grande astro. Visto assim por um inglez, Richelieu britannisa-se um pouco e d'elle apenas nos apparece o politico astucioso e audaz; todavia, é um grande papel, em que podem sobressahir as qualidades de um artista como João Rosa.

O cardeal está magnificamente desenhado a largos traços, que o papel não dá para minucias nem para traços subtile de observação. No andar, no gesto, na caracterisação, na finura do dizer, em tudo se vê o cuidado com que o personagem foi estudado pelo artista. É um papel completo, intelrigo, com uma interpretação tão verdadeira quanto o permite a peça, e uma execução magnifica. Foi todo representado com grande correcção e relevo;

mas cumpre-nos especialisar as scenas do ultimo acto, quando o Cardeal, sentado, fingindo-se moribundo, ouve as acenações dos seus rivaes e as decisões precipitadas do novo ministro dadas aos graves negocios do Estado; é um trabalho de audição primoroso, um jogo magistral de physionomia, que revelam o talento e o estudo do artista.

Pena foi que o bello papel de Mauprat fosse confiado ao Sr. Ferreira da Silva, que, evidentemente, não pôde com elle; não o comprehendeu, nem teria forças para o executar.

Virginia fez muito bem a Sra. de Mauprat. E', decerto, um dos papeis que mais estão nas suas cordas; mas via-se que o poderia fazer muito melhor se Ferreira da Silva pudesse ajudal-a. Amelia da Silveira fez um pagani adoravel, apezar de doente.

Augusto Rosa fez com o costumeado relevo o autypathico papel de Baradas. Antunes aprendeu bem o papel de Luiz XIII, mas executou muito desegualmente o ultimo acto.

Costa, que é um actor intelligente o discreto, esteve bem no Frei José, que na peça perdeu toda a importancia que tem na historia.

A peça, pezaçona e monótona, não agradou no publico, que foi naquella noite de festa testemunhar o apreço em que tem o notavel actor.

Num dos intervallos, Brazão disse primorosamente o monologo *Rataplan* e, a pedido do publico, *A mosca*, que elle recita de uma maneira adoravel.

O beneficiado recebeu dos seus collegas e dos seus admiradores grandes provas de sympathia e de consideração.

S. PEDRO DE ALCANTARA

E' amanhã que se realiza o grande espectáculo organizado pelo estimadissimo Vasques para commemorar a morte do grande actor João Caetano dos Santos.

Todos ossem que respeitoso culto tributa o Vasques á memoria do grande mestre, e que ha tres annos elle se esforça tenazmente para que João Caetano seja perpetuado na memoria publica por um monumento que o recorde. Esta acção, digna do artista e honrosa para o homem, tem sempre encontrado auxilio não só nos collegas do organisador, que se prestam a trabalhar gratuitamente, como no publico, que sempre concorre a estas festas glorificadoras do genio.

Este anno o programma é soberbo e attrahentissimo:

Elogio de João Caetano, pelo Sr. Dr. Ferreira Vianna, presidente do Conservatorio Dramatico.

Primeira parte—As actrices Ismenia dos Santos e Livia e o actor Mesquita representarão a comedia em 1 acto, traducção de Machado de Assis, *Como ellas são todas*.

Segunda parte—O actor Xisto Bahia recitará *O trabalho*.

O actor Aréas, a poesia *Neto-avô*.

A actriz Carolina Falco o monologo de Augusto de Lacerda — *O susto*.

O actor Eugenio de Magalhães uma poesia, escripta expressamente para esta festa por Arthur Azevedo.

Pelo actor João Rosa *O Vigario*, poesia de Valentim Magalhães.

O actor Peixoto representará uma scena comica.

A actriz Amelin da Silveira o monologo de Pan Tarantulla *O cigarro*.

Terceira parte—*Como se escolhe um genro* pelos artistas Palmira, Costa, Ferreira da Silva e Joaquim Ferreira.

Quarta parte—Pela actriz cantora Cinira Polonio a grande *Ave Maria*, de sua composição, acompanhada pelos coristas do Principe Imperial.

O actor Augusto Rosa recitará *Os Mosquitos*, monologo comico, de Filinto d'Almeida.

Pelo actor Baptista Machado, a poesia de sua composição — *Mães... e Cães*.

Pelo actor Silva Pereira, *A minha familia*.

A actriz Virginia recitará o monologo *O riso*.

O actor Brazão recitará a poesia de Lopes de Mendonça *Durante a tempestade*.

O actor Vasques fecbará o festival, recitando a poesia *Do outro lado*.

A' 1 hora da tarde.

PRINCIPE IMPERIAL

A 24 do corrente realizou-se a recita de auctor do *Barão de Pituassú*, Arthur Azevedo. Foi concorridissima. O actor Peixoto recitou, não tão bem como devia, um interessante *aproposito* em verso *O Comediographo*, escripto pelo auctor do *Barão*, e que agradou muito. O nosso illustre collega foi muito applaudido e presenteado.

P. TALMA.

BRINDE NUPCIAL

Venho dançar em teu noivado agora e eguer umbrinde ao venturoso enlace; cuidado! mira bem a minha face onde a alegria é mascara que chora.

Todo festivo sou por dentro e fura, empunho o copo, cambaleio, audace falar intento, a gargalhada nasce satanica, e eu saído-te, senhora!

Levem d'aqui o hebedo! Não posso soffrer a cachete d'este riso immenso, que ronca, e irrompe do passado nosso.

Tapam-me a bocca os fios de teu lenço, mais finos do que o nó, que no pescoco o algoz correste, sobre mim suspenso!

LEÃO COLUMBANO.

SPORT

Magnificas e concorridissimas as corridas do Derby-Club, domingo passado, em que foi conferido o grande premio *Derby Nacional*. Eis o resultado:

1º pareo — Vencedor Corcovado — Poule 18\$900.

2º pareo— Vencedor Rapid — Poule 34\$800.

3º pareo — Vencedor Tenor — Poule 27\$900.

4º pareo—Vencedor Remis — Poule 21\$700.

5º pareo — Vencedor Coup de — Não

houve rateio, por ter sido irregular a parti-la.

6º pareo—Grande premio *Derby Nacional*—5,000\$ ao primeiro, 1,000\$ ao segundo e 500\$ no terceiro—Tiro 3,200 metros — Vencedor Sihylla, em 223 segundos—Poule 12\$900.

7º pareo—Vencedor Mirzador —Poule 18\$000

Montou n 144:810\$ o movimento da casa das poules.

Recommendamos as corridas do Prado Villa Isabel, amanhã. E' convidativo o programma, que publicamos na ultima pagina.

L. M. B.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS (*)

O club Beethoven, com assistencia de S. S. A. A. I. I. e de numerozo concurso de distinctas senhoras e cavalheiros da alta sociedade fluminense, realisoou brilhantemente na noite de 12 do corrente o primeiro concerto extraordinario no seu novo salão.

Foi uma festa esplendida e muitissimo applaudida.

Bem concorrida e animada esteve a festa dramatica e dansante, que a caprichosa e acreditada sociedade Atheneu Esther de Carvalho realisoou na noite de 13 do corrente e que se prolongou até ao amanhecer.

Principiou pelo drama em 4 actos, escripto pelo artista A. Heitor, e por elle ensaiado, *Rico e pobre*, e finalison a parte dramatica com a comedia em 1 acto *Morte do gallo* pelos artistas D. Branca e Heitor e os dignos amadores Z. d'Almeida, F. Carvalho, J. Rodrigues, Marinho, A. Ribeiro e Pereira, que desempenharam muito bem os seus papeis.

Os assistentes fizeram-lhes toda a justiça, manifestando com muitos applausos o seu enthusiasmo.

A amavel e distincta directoria obsequiou muito os seus convidados.

Deve estar muitosatis feito o festejado e insigne violinista Vincenzo Cernichiaro, do concerto que realisoou na noite de 10 do corrente, no Conservatorio de Musica, onde ha muito não viamos concurrencia igual.

A chegada de S. S. A. A. começou o excellente concerto composto de trechos escolhido com todo o esmero, os quase foram primorosamente executados.

Tomaram parte nesta esplendida festa o distincto artista D. Marietta Siebs, os notaveis professores Cernichiare, J. Cerrone, Jeronymo Queiroz, A. Nepumeceno, Miguel Cardoso, e os dignos cavalheiros e amadores os Srs. Rossi Junior, G. Oliveira, J. Campo, e Russo Lamattina, sendo todos muito applaudidos.

Os nossos cumprimentos ao notavel violinista.

CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

Pomposamente e com extraordinuria concurrencia, esta distincta sociedade festejou na noite de domingo passado

(*) Algumas d'estas noticias não foram publicadas em o numero ultimo por falta de espaço.

N. da R.

o 1º anniversario da sua installação.

Era imponente o aspecto que apresentavam os bellos salões, que se achavam com todo o luxo e gosto ornamentados, e notavase—grande numero de elegantes senhoras, trajando lindas *toilettes* e distinctos cavalheiros, altamente qualificados e da mais fina sociedade fluminense.

Depois que a banda de musica executou o *Hymno do Congresso* e a *ouverture Gratidão dos alumnos*, composição do professor João Elias, seguiram-se os trabalhos de gymnastica, egrima a florete e a espada; e os dignos socios e alumnos que tomaram parte nos difficos trabalhos e jogos executaram-os com muita correção e pericia.

A's onze horas começou o baile, que só terminou quando o dia appareceu. A' meia noite foi servida uma lanta delicada ceia, durante a qual houve muitos e cordiaes brindes, ruidoso momento correspondidos.

Além da ceia houve um completo *huffet* junto do grande salão o qual toda a noite foi servido francamente aos socios e convidados.

Passámos uma noite deliciosa, e ao retirarem-se os convidados mostravam-se muito gratos pelos obsequios delicadas maneiras dos perfeitos cavalheiros que tão dignamente fazem parte da distincta directoria.

CONCERTOS POPULARES

Com a augusta presença de SS. AA. Imperiaes e perante excellente concurrencia, realisoou, no domingo ultimo, esta importante associação a sua 7ª *matinée*.

Deu principio á execução do programma uma *abertura*, em 1ª audição que foi muito bem executada pela orchestra. Em seguida foi executada *Danse des Bohemiens*, de B. Godard, que é extrahida de um poema symphonico *Le Tasse* e que muito agradou.

A *Marcha Funebre* de A. Nepumeceno, jovem e esperançossissimo compositor cearense, foi perfeitamente interpretada e é um trabalho que revela decidida vocação musical do seu actor.

Fechou a 1ª parte o *Baile do Cid*, de Massenet; os solos foram executados pelos professores Agostinho Gouvêa e João Duarte que se houveram coms costumada pericia.

Abrio a 2ª parte a *Abertura Freischutz* de Weber; é uma peça classica, admiravel cheia de originalidade e verdadeiramente caracteristica.

A *Serenata Hungara*, de Jonsières, que de todas as suas composições é a mais conhecida, foi bellamente executada e agradou muito.

O segundo concerto para violino Alard, por indisposição do estimadissimo violinista Pereira da Costa, foi substituido pela *Rêve après le bal* que teve uma execução magistral, sendo a pedido do auditorio, repetida.

A *Mandolinata para cordas*, delicadissima melodia de Paladille, foi brilhantemente executada e despertou freneticos applausos, sendo bisada com agrado geral.

Fechou esta bellissima *matinée* a *Marcha Heroica* de Saint Saes, que é uma composição original, de raro vigor e colorido de instrumentação.

Nossos parabens á associação dos Concertos Populares por mais este triumpho. Foi esplendida a sua 7ª *matinée*.

CLUB DOS TUCANOS

Esteve verdadeiramente magnifico o sarão que a digna sociedade Club dos Tucanos, organizou, para solemnizar o acto da entrega dos prêmios, aos vencedores dos torneios de bilhar e bagatella, e que se realizou na noite de 29 do corrente com grande concorrência e muita animação.

Aosom de musica e estrondosas palmas, foram entregues quinze premios de valor, de muito gosto, a quatorze socios vencedores, e entre esses premios notava-se um de admiravel trabalho: o *Diploma de Honra*, sendo autor d'essa preciosidade o sympathico 1º secretario Sr. Thomaz Costa.

O baile correu maravilhosamente até ás 5 horas da manhã.

A 1 hora da madrugada foi servida uma esplendida ceia, durante a qual trocaram-se muitos e entusiasticos brindes.

Distribuiu-se o n. 2 do *Tucano*, redigido pelos socios, e com muito talento, contendo bone artigos e poesias.

A distincta directoria penhorou os seus convulados com a costumada cordialidade e proverbial delicadeza.

TIO ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

SARAH BERNHARDT

Lê-se em um dos ultimos numeros do *Blas*:

« Un des plus jolis présents qui aient été offerts, en Amérique, à Mme. Sarah Bernhardt, consiste en un éventail, au centre duquel on a placé un beija-flor (un oiseau baise-fleur), qui tient un brillant en son bec. — C'est au Brésil qu'elle a reçu ce présent.

Mais il en est un autre qu'elle ne peut considérer sans rire: c'est un vêtement en cuir do Pernambouc. (*)

Elle n'ést enchantée de l'édition du journal *la Semana*, imprimé sur de la soie.

Quand elle era bien réinstallée à Paris, Mme. Sarah Bernhardt fera une exposition de toutes les choses bizarres ou charmantes qui lui ont été données. Les femmes du monde seront admises, à 20 francs l'entrée... pour les orphelins d'artistes. En pièces d'or seulement, déposées dans un crâne d'homme antédiluvien, rapporté de là-bas.»

LYCEU LITTERARIO PORTUGUEZ

Na noite de 24 do corrente festejou o Lyceu Litterario Portuguez pomposo e solemnemente o 19º anniversario de sua fundação.

Assistiram S. A. Regente e seu augsto espuso, ministro do imperio, os irmãos Ramalho Ortigão, os principaes artistas do theatro D. Maria II, Furtado Coelho e D. Lucinda, e tudo, enfim, quanto de mais gradual e distincto conta a nossa sociedade e a honrada colonia portugueza. Da festa deram circumstanciada noticia ns folhas diarias.

(*) Este vestunrio de couro foi offerecido a Sarah Bernhardt, na noite da seu beneficio no Rio de Janeiro, pelo Dr. Joaquim Nabuco.

N. da R.

A' digna directoria do benemerito Lyceu Litterario Portuguez e, especialmente, ao seu illustre presidente commendador Pinho muitissimas e sinceras felicitações. O Lyceu é uma das maiores conquistas e um dos mais honrosos e grandiosos monumentos do trabalho portuguez em paiz estrangeiro, embora de irmãos, como este.

Honra aos qua o erigiram!

O Sr. J. A. Roque, agente da casa editora de Campos & C., parte para S. Paulo na proxima semana, a fim de tractar de negocios da sua agencia.

CORREIO

Sr. A. M. — Ai! meu bom amigo, do seu... (já se sabe o que é) intitulado *Viver*, só se aproveitam 4 versos; os dez restantes estão errados que é mesmo um louvar a Deus de gatinhas! E' uma verdadeira penca de erros o seu sone... (já se sabe o que é).

Sr. A. J. S. — Que bellasas tem a sus poesia! Eis ahi vae uma perola desen-cravada d'esta bella joia que se intitula: *Solidão*:

« Quando ao longe tive no Oceano
« Isolado um navio no mar plano
« Sulcer sem viração...»

E digam, depois da leitura deste peducinho de ouro, se a Posteridade não é d'este homem, com mar plann do Oceano, viração e unis os joannetes que Deus de certo lhe deu e tudo. *Viração!* E' o caso de se dizer: avance mas não morda!

Sr. A. R. O Sr. é um *marvado!* Pois S. S. vendo-nos sob o dominio das variolias, inda se lembra de mandar para cá n sua peste de poesia intitulada — *Fantasiada!* Ao menos mandasse um aviso, porque eutão a gente ter-se-ia vaccinado com uma estrophe qualquer dos *Ultimos Harpejos* e estaria assim livre do contagio!

Sr. Braz Gil — Lá vae uma amostra do seu producto:

« Quero-te: Quero amar-te, quero fero
Um riso mero, quero-te muito, quero...»

E não quer tambem plantar cabeças de nabo, ou um pouco de arroz com casca para debulhar com as tronbas, não? Que ostra!! Quem mais vive mais vê. D'este modo o senhor faz-me lembrar um certo passaro brasileiro, que passa pelos ures gritando: Quero-quero quero-quero.

Sr. A. M. Ora porque bei-de eu enganal-o?.. Podia dizer, por exemplo, que o seu soneto *Loucura* de um sabio, que é mesmo uma loucura, mette um chinello todos os melhoes sonetos de Camões e Bocage; quer me parecer, porem (se é que não é um presumido e um pedaço d'asno), que o Sr. ficaria desconfiado com tanta esmola. Por isso, em vez do elogio acima, outra coisa lhe não digo senão que lhe não digo nada.

Sr. S. V. O que, senhor! *Chromos?*... Chromos o que, homem de Deus!

Qual chromos nem qual carapuças! Ora pela ennã velha de S. Pedro! pois isto é coisa que se mande a uma redacção para apparecer á luz publica? Eu quero lá que o B. Lopes me caia á

perna!! Pois nem ao monos no titulo do seu sonetinho o Sr. soube ser original?

Sr. J. F. R. Teriamos muito gosto em publicar os versos da pessoa que nos apresenta, sa taes versos, além de correctos, fossem inédictos; mas nem uma nem outra cousa elle são. Ha pouco vimol-os publicados num jornalêco da reça: *Rio Bonito*, se a musa nos não prega algum engano.

Sr. L. Os seus *Desejos*, se não manquejassem de alguns pés, seriam passaveis e, talvez, publicaveis mesmo. Mas como emprehenderem elles a correria da gloria com o feroz rheumatismo que lhes tolhe ns articulações? Que gemau ua esma que é logar quente, e fiquom sendo para sempre desejos insaciados.

Srs. *Sauterre & C. Veiga*. Que diabo de mixordin, que angã de negra Mina á este que os Srs. tiveram a desfaçatez de nos mandar? Quem é que lhes encomendou o sermão, fazem o favor de dizer? Alguem, porventura, pediu aos Srs. que definissem os nossos escriptores para que nos remettessem estas banalidades:

«*Quintino Bocayuva* — sino sem badalo.
V. *Magalhães* — relógio sem ponteiros.

Filinto de Almeida — venda sem balcão.

Henrique de Magalhães — garapa sem assucar.

Arthur Azevedo — requerimento sem estampilha.»

e outras, e outras asneiras? Ora que lbes valha um burro aos couces, meus graciosos amigos.

Sr. A. de O. H. Se é, como diz, aguia implume, parr que quer já metter-se om funduras, digo: em alturas?

Espere que lhe venbam as pennas, e só então procure ascender aos Hymalayas. Por ora nada perde em estar encasfuado no seu ninbo. Olhe que bóa romaria fnz quem em sua casa está em paz. A formiga quando se quer perder cria azas. Quem muito alto quer subir grande quèda quer dar; portanto, cresça e appareça, para que não venba a dizer mais tarde: S. Antonio me amarrou. O seu *dedal scientifico*... quero dizer: *dedalo, scientifico*, não pode ser publicado, mesmo porque isto de dedalos e inda mais scientificos, teem o que se lhes diga.

ENRICO.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—*Rua do Carmo 34*.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 25, em frente á estaa. Vinho de pepsua e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e apprelhos para lavonra—Schubert, Irmãos & Haas. — Jniz de Fora.

Compra-se uma machina de cortar papel, de 18 centimetros inferior a 50 centimetros; recabem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Alvares matinaes, poesia de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Bangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Sales — encarraga-se de defezas parante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residência, rua Visconde do Rei Branco, no. 86

Julio Cozar Tavares Paes encarraga-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, servo com aceto e optima cozinha. Esplendido terraço com curamanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Lrngo do Rosario—Barbacena.

Relojociro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—Incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume da poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. \$5000. Encad. 4\$000.

SOARES DA CAMARA

QUIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos a áreas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 28 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1.450 metros—Animas de menos de meio-sangue.—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Compasso.....	Vermelho.	3 ans	S. Paulo...	50 kil.	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
2	Desdemona.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Azul e branco.....	N. S. & S.
3	Pampeiro.....	Idem.....	5 »	R. Grande..	55 »	Azul branco e amarelo.....	Coud. Esperança.
4	Barão Pituassú.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	55 »	Branco e encarnado.....	J. M. Miranda.
5	Rabicano.....	Preto.....	4 »	S. Paulo...	53 »	Encarnado, faixa e bonet preto	M. G.
6	Verbena.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
7	Ondina.....	Tordilho..	4 »	S. Paulo...	52 »	Azul e amarelo.....	J. Rocha.
8	Serodio.....	Castanho..	6 »	R. Grande..	55 »	Azul ouro e grénat.....	Coud. Hanoveriana.
9	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná....	59 »	Azul e branco.....	S. V.
10	Veneza ex-Blanche.	Tordilho..	5 »	R. Grande..	56 »	Azul e grénat.....	C. Z. P.
11	Hebréa, ex-Cantag.	Zaino.....	5 »	Paraná....	56 »	Grénat e ouro.....	Coud. Açoriana.

2º pareo—**Animação**—1.000 metros—Animas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

1	Victorious.....	Zaino.....	4 ans	França....	59 kil.	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
2	Scylla.....	Castanho..	4 »	Inglaterra..	60 »	Grénat violeta.....	Coud. R. de Janeiro.
3	Le-Loup.....	Zaino.....	4 »	França....	59 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
4	Coupon.....	Alazão....	4 »	Idem.....	61 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
5	Biscaia.....	Idem.....	5 »	S. Paulo...	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
6	Dandy.....	Castanho..	5 »	Idem.....	55 »	Grénat e ouro, bonet ouro.....	F. Vianna.
7	Dr. Cacete.....	Zaino.....	4 »	R. da Prata	56 »	Grénat e ouro.....	I. S.
8	Siva.....	Alazão....	3 »	Inglaterra..	55 »	Azul, ouro e grénat.....	Coud. Hannoveriana.

3º pareo — **Omnium** — 1.000 metros — Animas de 2 annos que ainda não tenham ganho — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

1	Houguenote.....	Castanho..	2 ans	França....	48 kil.	Grénat e ouro.....	A. Michel.
2	Ouvidor.....	Idem.....	2 »	Inglaterra..	48 »	Azul, branco e amarelo.....	Coud. Esperança.
3	Lára.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Preto e prata.....	P. L. M.
4	Kumarita.....	Zaino.....	2 »	França....	47 »	Azul e amarelo.....	B. Rocha.
5	Cinira.....	Alazão....	2 »	Inglaterra..	47 »	Encarnado, preto e branco.....	J. L.
6	Black-Satin.....	Preto.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul ouro e grenat.....	Coud. Hannoveriana.
7	Claretto.....	Castanho..	2 »	Idem.....	47 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.

4º pareo—**Progedior**—1.800 metros — Animas nacionaes de meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 70\$ ao terceiro

1	Tenor.....	Zaino.....	4 ans	S. Paulo...	51 kil.	Vermelho.....	Tattersall Campineiro
2	Regente.....	Castanho..	4 »	Idem.....	53 »	Vermelho e preto.....	Idem. Idem.
3	Villa-Nova.....	Zaino.....	5 »	Paraná....	52 »	Azul, branco e amarelo.....	Coud. Esperança.
4	Druid.....	Tordilho..	5 »	R. de Jane..	51 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
5	Intima.....	Castanho..	6 »	S. Paulo...	52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

5º pareo—**Internacional**—1.800 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Victorious.....	Zaino.....	4 ans	França....	57 kil.	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
2	Plutão.....	Alazão....	6 »	Idem.....	60 »	Havana e azul.....	F. P.
3	Remise.....	Preto.....	3 »	Idem.....	52 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
4	Peruana.....	Zaino.....	4 »	Inglaterra..	55 »	Azul e amarelo.....	J. Rocha.
5	Dr. Cacete.....	Idem.....	4 »	R. da Prata	55 »	Grénat e ouro.....	I. S.
6	Diva.....	Alazão....	5 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

6º pareo—**Villa-Isabel**—1.450 metros—Animas nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

1	Lyra.....	Alazão....	3 ans	S. Paulo...	46 kil.	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
2	Vampa.....	Zaino.....	5 »	R. Grande..	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraizo
3	Feiticeira.....	Alazão....	4 »	R. de Jane..	53 »	Grénat e rosa.....	S. M.
4	Condor.....	Castanho..	4 »	S. Paulo...	51 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
5	Verbena.....	Idem.....	4 »	R. de Jane..	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
6	Brioso, ex-Mondego	Idem.....	5 »	S. Paulo...	54 »	Grénat e branco.....	Coud. Integridade.
7	Medon.....	Rositho..	4 »	Paraná....	51 »	Azul, e branco.....	S. V.
8	Catana.....	Douradilh	5 »	S. Paulo...	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
9	Saltarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná....	56 »	Idem.....	J. W.
10	G. Boulan, ex-Doge	Castanho..	4 »	S. Paulo...	51 »	Encarnado e preto.....	Luiz Pradez.
11	Tempestade.....	Idem.....	1 »	Paraná....	51 »	Azul marinho e encarnado.....	Coud. Paraná.
12	Monarcha.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Idem.....	Coud. Paraná.
13	Damon.....	Alazão....	4 »	S. Paulo...	51 »	Branco encarnado.....	J. M. Miranda.

7º pareo—**Ensaio**—1.800 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

1	Erse.....	Pampa....	3 ans	S. Paulo...	48 kil.	Verde branco e encarnads.....	Coud. Exeelsior
2	Corcovado.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	48 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Juanita.....	Baio.....	3 »	Idem.....	44 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

OBSERVAÇÕES

Os animas inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; o jockey que até ás 11 1/4 não se apresentar á pesagem não será mais admittido.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria hoje das 4 ás 7 horas da tarde.

PAIVA JUNIOR, 1º secretario

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-
trophulas, rachitis, anemia,
debilidade em geral,
defluxos, tosse chronica e af-
fecções do peito e da
garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-
quer hora. Estatutos nas
principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus
inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fines

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tsm sempre grande variedade de flo-
res para todos os gostos e preços, assim
como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são
executadas com o maior promptidão,
esmero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado